



GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 3

UMA IGREJA SAMARITANA...
... em saída para as periferias

GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA 3

UMA IGREJA SAMARITANA...
... em saída para as periferias

RENOVAÇÃO DA IGREJA E GRUPOS SEMEADORES DE ESPERANÇA

O Papa Francisco, há um ano, deixou-nos uma Exortação Post-Sinodal a que deu um título muito desafiante: Cristo Vive.

Trata-se de uma certeza que urge assimilar como Igreja Particular que somos e que, sinodalmente, está empenhada em concretizar um projeto de renovação.

Vimos dum tempo caracterizado pela cristandade. Aí ensinaram-nos Deus como distante e longe da vida humana. Estamos, agora, a regressar às fontes escriturísticas e a compreender que o Deus cristão é um Deus próximo e presente. Não o aceitamos como mera ideologia, mas sentimos, como vocação, a necessidade dum encontro de intimidade. Na verdade, Ele ressuscitou e continua vivo e quer que O experimentemos como pessoa que nos amou em primeiro lugar para que o amemos, como resposta.

Na mesma Exortação Apostólica, o Santo Padre, falando particularmente para os jovens, mas dirigindo-se a todos os cristãos, afirma, inequivocamente e sem rodeios, que Ele nos quer vivos. Ele veio para que tenhamos a vida e a tenhamos em abundância (Jo 10,10). Trata-se da vida espiritual que arrasta consigo a vida com todas as suas implicações e enigmas. Acolhendo-O encontramos tudo o que procuramos e desejamos.

Sabemos que Jesus Cristo é o enviado do Pai para comunicar uma mensagem, revelando o rosto de Deus e indicando o caminho para a convivência entre os homens. Ele fez-se Palavra e é na Palavra que o compreendemos que manifestamos a nossa qualidade de discipulado. Apoiar-se, por isso, na Palavra é certeza de encontro com a Sua Pessoa

que, como consequência, nos oferece o verdadeiro sentido para viver. A Palavra é audível para cada um, mas compreende-se no diálogo, no intercâmbio de sentimentos e experiências. Importa, por isso, dedicar tempo à meditação e oração pessoal da Palavra de Deus. Mas, mas qual epifania do amor divino, se Ele está em nós para falar, também está entre nós e, em comum, a Sua Voz torna-se mais compreensível. "Onde dois ou três estão reunidos no meu nome, Eu estou presente no meio deles" (Mt 18,20).

Como nunca, sublinha-se agora a importância da escuta da Palavra em grupo. Os Santos Padres não cessam de sublinhar este trabalho que os discípulos de Jesus devem encarar com responsabilidade ativa. Só assim, podemos ser verdadeiramente discípulos. Aí encontramos a vida de que Cristo é e quer oferecer.

Só que há outra novidade que os Padres da Igreja esclarecem. Fizeram uma verdadeira transcrição e afirmaram que "onde dois ou três estão unidos no meu nome, aí está a Igreja." Não pode ser de outra maneira. Cristo e a Igreja identificam-se. Só Ele pode efetuar a renovação eclesial que todos esperam. Os trabalhos humanos são imprescindíveis. Sem a presença de Cristo, como o verdadeiro agente da renovação, os objetivos nunca serão alcançados.

Nesta perspectiva compreendemos a importância dos Grupos Semeadores de Esperança. Com eles queremos o encontro com a Palavra de Deus e neles podemos experimentar a presença de Cristo que, a partir destas pequenas células eclesiais, irá renovar o todo da Corpo da Igreja. Se Cristo vive, experimentamos que nos quer vivos e oferecemos vida à Igreja, como consequência inevitável. Aqui está a sua importância e urgência. Por isso,

continuo a deixar o apelo para que se multipliquem e ganhem consistência no amor mútuo e na atenção à Palavra.

Pode acontecer que alguns queiram desculpar-se perante os cuidados a ter com a pandemia que estão a exigir, ainda, algum isolamento. Também aqui os podemos concretizar servindo-nos dos meios digitais. Sabemos que não é a mesma coisa, mas nem a distância física nos poderá impedir a alegria do encontro fraterno.

Depois, como campo aberto a outra experiência, as famílias, para que sejam igrejas domésticas, poderiam crescer ao ritmo que estes propõem. Poderão ser menos participantes. Terão a riqueza da diversidade das idades e da vontade de concretizar um projeto familiar. Vejo, também, os movimentos a entrar dentro deste dinamismo que não irá perturbar a particularidade e o específico da sua espiritualidade.

Estaremos, sobretudo, a concretizar as interpelações do Programa Pastoral. Com toda a Igreja Arquidiocesana poderemos compreender como a Igreja deve ser caridade e como o Bom Samaritano é um bom paradigma para testemunhar como amamos a Deus.

Bom trabalho e muita vida!

† Jorge Ortega, *Arcebispo Primaz*

INTRODUÇÃO

Sendo o objetivo desta dinâmica propor *uma Igreja Samaritana, em saída para as periferias*, impõe-se que o ponto de partida seja Lc 10, 29-37, um texto conhecido habitualmente como “parábola do bom samaritano”. Tendo em conta os seis personagens da narrativa e o caminho em que ela se desenvolve, apresentamos o texto em sete temas (um homem caído, um caminho por onde todos passam, um sacerdote equivocadamente zeloso, um levita propositadamente apressado, um samaritano misericordioso, uma montada disponibilizada, um estalajadeiro exemplar) e, a propósito de cada um deles, sugerimos a leitura e meditação de um outro texto bíblico, em relação sinonímica ou contrastante com o tema em questão. O objetivo é tríplice: aprofundar o sentido dos textos, alargar o leque dos conhecimentos bíblicos e ajudar a tomar consciência de que a Escritura é a primeira intérprete de si própria.

Por enquanto, num primeiro momento, apresentamos o texto de Lc 10, 29-37, na versão da Difusora Bíblica, e, a fim de apreender a sua força expressiva e facilitar a sua compreensão, situamo-lo no seu contexto mais próximo.

O texto de Lc 10, 29-37

²⁹Mas ele [o doutor da Lei], querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» ³⁰Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas,

o abandonaram, deixando-o meio morto. ³¹Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. ³²Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. ³³Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. ³⁴Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. ³⁵No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: 'Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.' ³⁶Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?» ³⁷Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

O contexto de Lc 10, 29-37

Lucas é o evangelista da misericórdia e são muitos os textos que o ilustram, de forma direta ou indireta, ao longo de todo o evangelho, mas é sobretudo no caminho de Jesus para Jerusalém (9, 51 – 19, 27) que tal se torna ainda mais evidente. A secção mais típica do evangelho de Lucas (o caminho para Jerusalém) é, no terceiro evangelho, o lugar dos principais ensinamentos de Jesus. Divide-se em três momentos, começando cada um deles com a referência ao caminhar de Jesus para Jerusalém (cfr. 9, 51; 13, 22; 17, 11) e terminando todos eles com, pelo menos, uma parábola (cfr. 13, 18-21; 17, 7-10; 19, 11-28). Daqui resulta uma estrutura tripartida:

- a promessa do reino (9, 51 – 13, 21),
- as condições para entrar no reino (13, 22 – 17, 10),
- a entrada no reino (17, 11 – 19, 27).

É na primeira sub-secção que se situa a “parábola do bom samaritano” (Lc 10, 29-37) que adoptámos como texto inspirador e ponto de partida para esta proposta de trabalho sobre uma Igreja Samaritana, em saída para as periferias, destinada, em primeiro lugar, aos grupos “Semeadores de Esperança”.

Quando confrontado com a pergunta que os discípulos judeus costumavam fazer aos seus mestres (Lc 10, 25; 18, 18: “Mestre, que hei-de fazer para possuir/alcançar a vida eterna?”), Jesus responde ao doutor da Lei com uma outra questão: “Que está escrito na Lei? Como lês?” (v. 26). Citando o escriba a Lei, no v. 27 (Dt 6, 5; Lv 19, 18), Jesus lança-lhe um desafio: “Faz isso e viverás” (v. 28). À boa maneira bíblica e judaica, a tónica está colocada no fazer, qual verificação concreta da adesão a um credo e a uma Lei. Só depois, e como resposta à pergunta “E quem é o meu próximo?”, Jesus conta a parábola do “bom samaritano”, assim tradicionalmente conhecida, apesar de o adjetivo “bom” não estar no texto. Inserida num debate sobre a vida eterna, resulta evidente que a parábola ilustra o amor ao próximo (procura responder à pergunta “quem é o meu próximo?”), tal como o episódio que se segue, de Marta e Maria (Lc 10, 38-42), ilustra o amor a Deus.

De facto, se o amor ao próximo era inquestionável, na tradição judaica, discutível era o conceito de próximo e até a medida do amor que lhe devia ser dispensado. Por outras palavras, até onde vai o amor ao próximo? “No AT, ‘próximo’ era o compatriota, membro do povo de Deus, e também o migrante inserido na comunidade israelita (cf. Lv 19, 33-34). No tempo de Jesus, tinha-se acrescentado outras restrições e, portanto, o próximo era praticamente o membro da seita ou do grupo religioso (fariseus, essénios,

zelotes, etc.)” (R. Fabris, pp. 125-126). Por seu lado, “a medida do amor para com o próximo não é estabelecida na base das fronteiras da pertença religiosa ou do grupo social, mas unicamente na base da necessidade do outro” (R. Fabris, p. 126). Sem entrar em muitos pormenores exegéticos nem descer muito à profundidade de sentido do texto (o que se pretende é que cada um o faça, lançando mão dos recursos que lhe são sugeridos), aqui fica uma proposta de leitura, com incidência nos seus personagens e em textos próximos. Fica também um conjunto de sugestões para a reflexão e o compromisso que se exige a quem quer viver a vida presente, sabendo o que fazer para “possuir/alcançar” a vida eterna.

Foram muitas as interpretações que, ao longo da história, se fizeram desta parábola: cristológica (o samaritano é identificado com Cristo), eclesiológica (o bom samaritano é a Igreja). Sem termos que fazer opções, não será descabido falar de uma Igreja samaritana (desde Paulo VI, todos os Papas falam dela a partir desta categoria) e encontrar aqui fundamentos para tal.

Bibliografia

São muitos os livros e artigos que tratam deste texto, ou como estudos exegéticos ou como estudos a partir de diferentes perspetivas. Da imensa e vasta bibliografia, aqui deixamos algumas referências:

- F. BOVON, *El evangelio según San Lucas, II*, ed. Sígueme, Salamanca, 2002 (o comentário a este texto está nas pp. 106-130).

- R. FABRIS, “O evangelho de Lucas”, in R. FABRIS – B. MAGGIONI, *Os evangelhos, II*, ed. Loyola, São Paulo, 1992 (o comentário a este texto está nas pp. 124-127).

- F. RAMIS DARDER, *Lucas, evangelista da ternura de Deus*, ed. Gráfica de Coimbra, Coimbra. 2004 (o comentário a este texto está nas pp. 99-111).

- Y. SAOÛT, *Il buon samaritano*, ed. Queriniana, Brescia, 2008 (original francês: *Le bon Samaritain*, ed. Bayard, Paris, 2007). Para além de uma introdução ao texto e da sua exegese, este livro apresenta, entre outras coisas, dados sobre a leitura do texto na patrística; o seu uso na literatura, na música, na pintura, na saúde e nas ações humanitárias. Acresce a isso uma breve apresentação das interpretações modernas da parábola, assim como algumas reflexões e problemas que derivam do texto.

Primeiro tema
Um homem caído

Uma aproximação à sua identidade

Quase automaticamente, pensamos que o homem caído na beira do caminho personifica todos aqueles que esperam pela nossa solicitude caridosa e misericordiosa. E não está mal que assim o pensemos! Todavia, os Padres da Igreja viam-no sobretudo como imagem da humanidade ferida de morte, da qual Deus se aproxima.

Em jeito de oração...

O meu ouvido colado ao chão ouve passos. A terra encosta-me o sussurro que aí vem...

Há imenso tempo que estou assim, sem me poder mexer ou gritar; assim exposto apenas a quem me queira ver nesta berma de sangue.

Ainda penso, mas não grito nem chamo. Nem com um aceno.

Como é dramático não ter voz!...

Se ao menos pudesse dizer "ajudem-me!", talvez, ouvindo-me, alguém se interessasse. Quem não é ouvido não existe...

Cada vez que sinto passos, espero que se detenham. Até agora, porém, só ouvi passantes que se apressaram, afastando-se com murmúrios que mal entendi.

Soavam-me, no entanto, a pena ou a medo. Dói-me a pena e aperta-me o medo...

Fui imprudente em descer este caminho à hora em que o descí. Fui. Mas a minha imprudência não pode valer a consciente cegueira de coração que decide esconder-se nessa pretensa culpa e não me ver.

Oiço passos que agora de se detêm e me tocam.

Ai como me magoam as voltas que alguém dá ao meu corpo... No entanto, o gesto esforçado deste desconhecido que os olhos de sangue e lágrimas me escondem afaga-me o coração.

Se sobreviver, hei-de integrar-me na parte da humanidade que não foge, não desconhece, não arruma e não cultiva a comodidade da indiferença.

Sim; também eu tenho vivido longe de muitas pessoas e alheio às suas circunstâncias.

Pelas minhas feridas abertas entra agora a luz: só a proximidade ama!...

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Alguma vez estive numa situação de vulnerabilidade física, a ponto de só poder sair dela com a ajuda de alguém?

2. Já estive ou conheço alguém que esteja numa situação similar, mas do ponto de vista moral?

3. Que dificuldades sentimos, numa situação dessas?

Texto bíblico: Gen 3, 1-13

¹A serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus fizera; e disse à mulher: «É verdade ter-vos Deus proibido comer o fruto de alguma árvore do jardim?» ²A mulher respondeu-lhe: «Podemos

comer o fruto das árvores do jardim, ³mas, quanto ao fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: «Nunca o deveis comer, nem sequer tocar nele, pois, se o fizerdes, morrereis.» ⁴A serpente retorquiu à mulher: «Não, não morrereis; ⁵mas Deus sabe que, no dia em que o comerdes, abrir-se-ão os vossos olhos e sereis como Deus, ficareis a conhecer o bem e o mal.»

⁶Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspecto, e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou do fruto, comeu, deu dele também a seu marido, que estava junto dela, e ele também comeu. ⁷Então, abriram-se os olhos aos dois e, reconhecendo que estavam nus, prenderam folhas de figueira umas às outras e colocaram-nas como se fossem cinturões, à volta dos rins.

⁸Ouviram então, a voz do Senhor Deus, que percorria o jardim pela frescura do entardecer, e o homem e a sua mulher logo se esconderam do Senhor Deus, por entre o arvoredo do jardim. ⁹Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: «Onde estás?» ¹⁰Ele respondeu: «Ouvi a tua voz no jardim, e, cheio de medo, escondi-me porque estou nu.» ¹¹O Senhor Deus perguntou: «Quem te disse que estás nu? Comeste, porventura, algum dos frutos da árvore da qual te proibi comer?» ¹²O homem respondeu: «Foi a mulher, que trouxeste para junto de mim, que me ofereceu o fruto e eu comi-o.» ¹³O Senhor Deus perguntou à mulher: «Porque fizeste isso?» A mulher respondeu: «A serpente enganou-me e eu comi.»

Pistas para reflexão

1. *Deixar que Deus nos faça bem a nós.* Muitas vezes, sedentos de fazer o bem aos outros, esquecemos que a nossa primeira tarefa, enquanto

cristãos, é a de deixar que Deus nos faça bem a nós. No intuito de querer ser caridosos, por vezes, impedimos que Deus manifeste a sua caridade em nós. Não somos salvos pelo bem que fazemos aos outros, mas pelo bem que deixamos Deus fazer em nós.

2. *O bom samaritano é Deus que se aproxima.* Numa tradição interpretativa muito antiga e constante, o Bom Samaritano é a imagem de Deus que se aproxima, como no Jardim do Paraíso, da humanidade ferida pelo pecado e deixada como morta na beira do caminho. Deus vem à procura do homem, como no livro do Génesis. “Onde estás?” é a primeira questão de toda a Sagrada Escritura e revela um Deus que se dá como missão meter os pés ao caminho para ir à procura do homem ferido que se esconde, porque se vê confrontado com a sua própria nudez que o envergonha.

3. *Deus aproxima-se, em Jesus Cristo.* O homem vê-se assim fechado numa cadeia de enganos e mentiras, porque deu ouvidos àquele que é mentiroso desde o princípio. Cabe-lhe agora aceitar a aproximação de Deus que, em Jesus Cristo, foi ao ponto assumir a nossa condição de moribundo, na beira do caminho, espancado pelo adversário e incapaz de se levantar. Nas nossas feridas, Cristo derrama o azeite e o vinho, símbolos da graça sacramental que restaura a nossa condição e imagem de filhos de Deus

Tópicos para o compromisso

1. Em vez de tentar ser sempre bom Samaritano, devo aceitar ser ajudado pelo verdadeiro Bom Samaritano.

2. Se é Deus que me ajuda, é em Jesus Cristo que esta ajuda se torna manifesta. Preciso de o olhar nessa perspectiva.

3. O maior grito evangelizador é: "O Senhor salvou-me!". É o grito dos apóstolos, da Samaritana, de Maria Madalena. Quando me proponho auxiliar o próximo, respondendo ao "Vai e faz tu também o mesmo", só posso partir da experiência de quem se deixou aproximar pelo Deus que se faz próximo.

Segundo tema **Um caminho por onde todos passam**

A metáfora do caminho

O caminho sempre foi usado como metáfora da totalidade da existência, quer de um personagem individual, quer de um povo. Assim, a vida de Ulisses é descrita na *Odisseia* como um caminho de regresso a casa; nos *Lusíadas*, a epopeia portuguesa é contada na descoberta de um caminho e o Povo de Deus nasce quando se põe a caminho, saindo do Egito em direção à Terra Prometida.

Em jeito de oração...

Dizem mal de mim, deste pedaço de terra entre Jerusalém e Jericó.

“É um caminho perigoso” — exclamam muitos. E quem mais o diz é quem se abstém de me percorrer...

Poderia defender-me dizendo que os perigos vêm dos salteadores ou dos descuidos de quem deveria cuidar do meu estado. Prefiro, no entanto, afirmar que os perigos e os riscos fazem parte de qualquer caminho. É que não há viagem sem desprendimento e sem amor!...

Se não vos desprendeis do lugar onde e não amais o para onde, nem um tapete voador será cómodo.

Se o vosso coração quer, pelo contrário, até as areias cantam sob os vossos pés.

Sim; eu sou apenas um pedaço de terra entre dois sítios. És tu, peregrino, quem semeia no meu corpo a esperança ou o desânimo!...

Eu acolho, rindo ou chorando, os teus passos!...
Estou aqui. Para ti!...

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Se pensarmos a vida enquanto caminho, como a sinto neste momento? Como um itinerário circular, ascendente ou descendente?
2. Ao longo do caminho da minha vida, quem é que eu tenho por guia?
3. Quando estava parado e ferido na beira do caminho, senti a presença de um Bom Samaritano que me deu alento?

Leitura dos textos: Ex 32, 1-14

¹Vendo que Moisés demorava a descer do monte, o povo reuniu-se à volta de Aarão e disse-lhe: «Vamos! Façamos para nós um deus que caminhe à nossa frente, pois a Moisés, esse homem que nos persuadiu a sair do Egito, não sabemos o que lhe teria acontecido.» ²Aarão respondeu-lhes: «Tirai as argolas de ouro das orelhas das vossas mulheres, dos vossos filhos e das vossas filhas, e trazei-mas.» ³Eles tiraram as argolas que tinham nas orelhas e levaram-nas a Aarão. ⁴Recebeu-as das mãos deles, deitou-as num molde, e fez um bezerro de metal fundido. Então, exclamaram: «Israel, aqui tens o teu deus, aquele que te fez sair do Egito.» ⁵Vendo isso, Aarão construiu um altar diante do ídolo, e disse em voz alta: «Amanhã, haverá festa em honra do Senhor.» ⁶No dia seguinte, de manhã, ofereceram holocaustos e sacrifícios de comunhão. O povo sentou-se para comer e beber, e, depois, levantou-se para se divertir. ⁷O Senhor disse a Moisés:

«Vai, desce, porque o teu povo, aquele que tiraste do Egípto, está pervertido. ⁸Desviaram-se bem depressa do caminho que lhes prescrevi. Fizeram um bezerro de metal fundido, prostraram-se diante dele, ofereceram-lhe sacrifícios e disseram: «Israel, aqui tens o teu deus, aquele que te fez sair do Egípto.» ⁹O Senhor prosseguiu: «Vejo bem que este povo é um povo de cerviz dura. ¹⁰ Agora, deixa-me; a minha cólera vai inflamar-se contra eles e destruí-los-ei. Mas farei de ti uma grande nação.» ¹¹ Moisés implorou ao Senhor, seu Deus, dizendo-lhe: «Porquê, Senhor, a tua cólera se inflamará contra o teu povo, que fizeste sair do Egípto com tão grande poder e com mão tão poderosa? ¹² Não é conveniente que se possa dizer no Egípto: foi com má intenção que Ele os fez sair, foi para os matar nas montanhas e suprimi-los da face da Terra! Não te deixes dominar pela cólera e abandona a decisão de fazer mal a este povo. ¹³ Recorda-te de Abraão, de Isaac e de Israel, teus servos, aos quais juraste por ti mesmo: tornarei a vossa descendência tão numerosa como as estrelas do céu, e concederei à vossa posteridade esta terra de que falei, e eles hão-de recebê-la como herança eterna.» ¹⁴ E o Senhor arrependeu-se das ameaças que proferira contra o seu povo.

Pistas para reflexão

1. *Israel escolhe outro deus para caminhar diante dele.* Na parábola do Bom Samaritano, o homem vítima dos salteadores descia de Jerusalém, a Cidade Santa, para Jericó, a cidade mundana, a cerca de 300 metros abaixo do nível do mar. No Evangelho de Lucas, Jesus está a fazer o caminho inverso, subindo em direção a Jerusalém, onde se viverá a sua Paixão.

Por vezes, estamos no bom caminho, mas na direção errada. Israel, no deserto, também estava no bom caminho, mas, aproveitando a ausência de Moisés, mudou de direção, escolhendo como guia um ídolo.

2. *Israel desviou-se do caminho que Deus escolheu para ele.* O episódio do bezerro de ouro é o prelúdio de todas as idolatrias, dado que Israel deixa de seguir Deus e passa a seguir uma imagem de deus fabricada pelo próprio homem. Como Adão e Eva, Israel tenta iludir a confiança da fé para se fiar apenas em si próprio. Tudo isto conduz ao falso culto e à depravação moral de que Jericó era um exemplo, no tempo de Jesus. O texto diz que “O povo sentou-se para comer e beber, e, depois, levantou-se para se divertir”. O verbo “divertir” é um eufemismo com que se alude às práticas orgiásticas típicas dos cultos cananeus. Desviando-se do caminho de Deus, Israel desce ao mais degradante dos cultos idolátricos, fabricados pelos homens e prisioneiros das suas pulsões mais animalescas.

3. *Pela intervenção de Moisés, Israel volta ao bom caminho.* Este capítulo do livro do Êxodo culmina com a oração de Moisés que evita ao povo o castigo de uma destruição completa. A Aliança de Deus mantém-se, graças à oração de Moisés. No livro do Génesis, já tínhamos visto Abraão interceder por Sodoma, mas não era ele o mediador, era-o sim o grupo de justos que se poderia encontrar em Sodoma. Neste caso, todo o povo é pecador. Deus chega a referir-se a Israel, dizendo “o teu povo”, como se o renegasse. Deus sugere mesmo a Moisés um outro povo, mas qual figura de Jesus Cristo, Moisés identifica-se totalmente com o povo e intercede por ele. Torna-se assim figura do Bom Samaritano que se aproxima e cuida do pobre caído e perdido nos seus descaminhos, confiando-o à misericórdia de Deus.

Tópicos para o compromisso

1. Mesmo pensando estar sempre no bom caminho, devo verificar se a direção que sigo é a correta.
2. Sentir-me membro de uma comunidade significa interceder por ela junto de Deus e não mudar conforme as conveniências do momento.
3. Cuidar do outro implica que ele sinta a minha presença indefetível, quanto mais não seja, pela oração de intercessão.

Terceiro tema
Um sacerdote zeloso

Exigências culturais e funções sacerdotais

O culto divino, querido por Deus e tarefa primeira da humanidade, pode tornar-se abominável aos olhos do Senhor, quando esquece os frutos de misericórdia que deveria produzir e se fica apenas pelo cumprimento de regras formais e procedimentos rituais.

Em jeito de oração...

Não esperava este susto, este enorme susto de chegar quase na hora de ver um assalto violento.

Confesso que ainda olhei, mas depressa decidi não ver.

A minha vida já tem complicações de sobra e dispense bem alguma outra.

Além disso, há que ter em conta a minha condição...

É verdade que venho do Templo e até se dá o caso de, nesta circunstância, não ser invocável a impureza legal. Mas a minha condição...

O meu serviço começa e esgota-se no Templo. Tudo o mais está a mais, afetado por uma indignidade que contagia a metros de distância.

Digo isto e, no entanto, na solidão onde já descanso, apertam-me as perguntas da memória da Lei.

Anda uma luz impertinente no escuro, como se, dentro de mim, ardessem fugas e certezas convenientes.

E se a minha pureza legal for o lado cómodo de uma vida hipócrita?

E se a minha oração for um incenso que sobe, sobe, e não toca a imagem de Deus no homem que Ele criou?...

E se o pedaço de estrada entre Jerusalém e Jericó não for tão estranho a Deus e tão profano como parece?...

Sim; anda uma luz impertinente no escuro do meu sossego. E acende um desejo: com o salmista quero reconhecer, Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob: "Amais a sinceridade de coração e fazeis-me conhecer a sabedoria no íntimo da alma"; e com ele pedir: "desviái o vosso rosto das minhas faltas e purificai-me de todos os meus pecados".

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Alguma vez o cumprimento de um preceito ritual me afastou do cumprimento de um preceito de caridade?

2. Muitas vezes, quando fazemos promessas, incidimos quase sempre na execução de um gesto ritual: oferecer uma vela, ir em peregrinação a tal santuário, etc. Alguma vez pensei fazer um voto que fosse um gesto de caridade e misericórdia para com o próximo?

3. Muitas vezes e muito injustamente se diz: "os que vão à Missa são piores que os outros". Em que circunstâncias essa acusação pode ser verdadeira?

Leitura do texto

¹⁰Ouvi a palavra do Senhor, ó príncipes de Sodoma; escuta a lição do nosso Deus, povo de Gomorra: ¹¹«De que me serve a mim a multidão das

vossas vítimas? – diz o Senhor. Estou farto de holocaustos de carneiros, de gordura de bezeros. Não me agrada o sangue de vitelos, de cordeiros nem de bodes. ¹²Quando me viestes prestar culto, quem reclamou de vós semelhantes dons, ao pisardes o meu santuário? ¹³Não me ofereçais mais dons inúteis: o incenso é-me abominável; as celebrações lunares, os sábados, as reuniões de culto, as festas e as solenidades são-me insuportáveis. ¹⁴Abomino as vossas celebrações lunares, e as vossas festas; estou cansado delas, não as suporto mais. ¹⁵Quando levantai as vossas mãos, afasto de vós os meus olhos; podeis multiplicar as vossas preces, que Eu não as atendo. É que as vossas mãos estão cheias de sangue. ¹⁶Lavai-vos, purificai-vos, tirai da frente dos meus olhos a malícia das vossas ações. Cessai de fazer o mal, ¹⁷aprendei a fazer o bem; procurai o que é justo, socorrei os oprimidos, fazei justiça aos órfãos, defendei as viúvas. ¹⁸Vinde agora, entendamo-nos – diz o Senhor. Mesmo que os vossos pecados sejam como escarlata, tornar-se-ão brancos como a neve. Mesmo que sejam vermelhos como a púrpura, ficarão brancos como a lã. ¹⁹Se fordes dóceis e obedientes, comereis os bens da terra; ²⁰se recusardes, se vos revoltardes, sereis devorados pela espada. É o Senhor quem o declara.»

Pistas para reflexão

1. *A misericórdia confirma o culto.* O sacerdote da parábola do Bom samaritano também descia de Jerusalém para Jericó. Provavelmente já teria realizado o seu serviço, no Templo. Não seria o facto de se aproximar do homem caído que o iria impedir de realizar as suas funções porque, provavelmente, ele acabara de as realizar. Todavia, ele depara-se com

uma situação que vai validar o seu culto ou, como diz Isaías, vai torná-lo abominável.

2. *Passar ao lado do irmão é passar ao lado de Deus.* Lucas nota explicitamente que o sacerdote viu o homem caído e que, ao vê-lo, passou ao largo. Porque passou ao lado do homem caído, também o seu culto passou ao lado do coração de Deus. É de notar, no texto de Isaías, a insistência na vacuidade do culto: “Estou farto”, “Não me agrada”, “quem reclamou de vós semelhantes dons?”, “não me ofereçais”, “é-me insuportável”, ... expressões que mostram tudo isto passar ao lado de Deus, se a prática da justiça não segue a prática do culto.

3. *Liturgia e missão.* Pelo texto de Isaías, poderíamos supor que o seu autor é um “não-praticante”. Pelo contrário, no capítulo 6, o profeta mostra precisamente como o culto divino foi para ele o lugar do encontro com Deus e do chamamento para a sua missão. Na teofania esplendorosa do Tempo, Isaías recebe uma missão profética em favor dos irmãos. A beleza da liturgia não se esgota na contemplação dessa beleza, mas abre à conversão e à disponibilidade para a missão, em favor do povo. Por isso, a Eucaristia termina com o “Ide em paz”. Em paz com Deus, mas desassossegado na procura do irmão caído.

Tópicos para o compromisso

1. A minha prática cultual terá que ser sempre confirmada pela minha prática ética.
2. A eficácia do meu culto há-de ser procurada e encontrada na eficácia da minha caridade.
3. Entrar na beleza do espaço ritual/celebrativo implica disponibilizar-se para a missão.

Quarto tema

Um levita disfarçadamente apressado

Identidade e funções dos levitas

O dom da Lei é o que distingue Israel dos outros povos. Israel é a nação que tem uma lei superior à de todos os outros povos porque ela é um dom de Deus. Todavia, esta Lei constituída de preceitos e mandamentos mostrou-se incapaz de salvar, como afirmou são Paulo, ela crucificou Jesus Cristo.

Em jeito de oração...

Está morto o homem da berma do caminho. Pobre coitado!... Alguma vez pensou que ia acabar assim?...

Está morto, de certeza. Nem vale a pena ver de perto. Nem convém ver de perto...

Direi às autoridades; ou talvez não... Não tenho que fazer meu um problema alheio. Sobram-me as preocupações do serviço no Templo, desde a portaria ao canto; e hoje até fui padeiro, que vida de levita é bem pesada!...

O mundo está a ficar um caos: violência, assaltos, atropelos à Lei.

Felizmente que a minha vida, mesmo atarefada, decorre em espaço sagrado.

As valetas incomodam-me, com os ruídos mercantis da ralé e as vozes dos pedintes.

Felizmente, este desgraçado está morto. É bom que esteja. Para ele e para mim...

Nem vale a pena ver melhor. Nem convém ver melhor!...

Deus cuidará, se for o caso. Eu sirvo o Templo.

Penso que faço a minha parte. E muito bem, na minha franca opinião. Ele, o assaltado e caído, que mal teria feito para tal castigo?...

Felizmente, não sinto que a minha consciência me acuse de nada. Não sinto...

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Alguma vez senti que a observância escrupulosa da Lei poderia conduzir ao afastamento de Deus?
2. Em que consistirá uma observância hipócrita da Lei?
3. De que forma o Amor pode ser a Lei única?

Texto para leitura

⁵Vede: ensinei-vos leis e preceitos, como o Senhor, meu Deus, me ordenou; assim fareis na terra que ides possuir. ⁶Observai-os e ponde-os em prática, porque isso manifestará a vossa sabedoria e a vossa inteligência aos olhos dos povos que, ao terem conhecimento de todas estas leis, dirão: 'Que povo sábio e inteligente é esta grande nação!' ⁷Com efeito, que grande nação haverá que tenha um deus tão próximo de si como está próximo de nós o Senhor, nosso Deus, sempre que o

invocamos? ⁸E que grande nação haverá, que possua leis e preceitos tão justos como esta lei que eu hoje vos apresento? ⁹Toma, pois, cuidado contigo! Guarda-te bem de esquecer os factos que os teus olhos viram; que eles nunca se afastem do teu coração em todos os dias da tua vida. Ensina-os aos teus filhos e aos filhos dos teus filhos. ¹⁰No dia em que te apresentaste diante do Senhor, teu Deus, no Horeb, o Senhor disse-me: 'Convoca o povo para junto de mim, a fim de ouvirem as minhas palavras, aprenderem a temer-me durante todo o tempo da sua vida na terra e assim ensinarem aos seus filhos.' ¹¹Aproximastes-vos, então, e ficastes junto do monte; o monte estava abrasado em fogo, que se erguia até ao mais alto dos céus, coberto de nuvens e de nevoeiro. ¹²O Senhor falou-vos do meio do fogo; ouvistes o som das palavras, mas não vistes figura alguma. Era uma voz apenas. ¹³Ele deu-vos a conhecer a sua aliança, ordenando-vos que cumprísseis os dez mandamentos que Ele escreveu em duas tábuas de pedra. ¹⁴O Senhor ordenou-me, então, que vos ensinasse as leis e os preceitos que deveis cumprir na terra para onde ides, para tomardes posse dela.»

Pistas para reflexão

1. *A Lei de Deus, orgulho de Israel.* O Deuterónimo sublinha o orgulho que Israel sente na sua Lei, um orgulho presente em todo o Antigo Testamento, a começar pelo livro dos Salmos: "Quanto amo, Senhor, a vossa Lei!". Todavia, a Lei diz sobretudo o que não fazer e, por isso, com refere Paulo, permite apenas que se chegue ao reconhecimento do pecado (Rm 3, 20). Ao ver o homem caído e passar adiante, o levita poderá não ter

infringido nenhum preceito da Lei. De facto, a Lei diz para não matar, e ele não matou; a Lei diz para não roubar, e ele não roubou. Se o homem caído fosse um descendente da Amalec, a Lei diz que ele deveria ser eliminado (preceito 188, dos 613). Talvez aquele dia até fosse um Sábado, o que complicaria a observância da Lei.

2. *A Lei para ser visto.* Por isso, ele viu o homem caído, mas talvez ninguém tivesse visto que ele vira e, numa situação dúbia, pudesse ser necessário o parecer de um doutor da Lei adestrado em determinar bem quem é o próximo que merece e deve ser socorrido. A Lei e a jurisprudência dos fariseus preveem tudo, mesmo as situações mais inesperadas. O povo diz: “quem não vê, não peca”; o levita diria: “quem vê, mas não é visto, também não peca”. Por isso, como diz Paulo, a Lei é incapaz de salvar, ela é incapaz de socorrer o homem caído. Apenas serviu para mostrar que, pelas obras da Lei, estamos fechados no nosso pecado.

3. *Ama e faz o que quiseres.* A Lei dos mandamentos e dos preceitos deve então apontar para uma outra Lei que ajudará o homem a sair do seu pecado, da sua culpabilidade e do seu legalismo autojustificador. Essa Lei Nova é o dom do Espírito Santo, o Amor de Deus derramado em nossos corações. Assim, todos os mandamentos ficam resumidos numa só frase: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* O amor não faz mal ao próximo. É no amor que está o pleno cumprimento da Lei (Rm 13, 9-10).

Tópicos para o compromisso

1. A ética cristã deve ser para nós um motivo de orgulho, pela sua simplicidade e limpidez.

2. O agir cristão não deve ter por motivação o nosso olhar ou o olhar dos outros, mas o olhar do coração.

3. Se, no fim da nossa vida, como dizia são João da Cruz, formos julgados pelo amor, julguemos, desde já, todas as coisas por este princípio único e fundamental.

Quinto tema **Um samaritano misericordioso**

De excluído a inclusivo...

Desde a queda da Samaria (721 a. C.) que os samaritanos não eram bem vistos pelos judeus. As razões eram muitas e as oportunidades para se afirmar o distanciamento entre uns e outros tanto surgiam como eram procuradas. Por isso, não era de esperar que um judeu apresentasse um samaritano como paradigma e as suas atitudes como modelos a imitar. Contudo, no evangelho de Lucas, que não esconde a hostilidade dos samaritanos (9, 51-55), por duas vezes, Jesus apresenta os samaritanos como modelos a imitar: 10, 29-37 (um samaritano misericordioso) e 17, 11-19 (um samaritano agradecido).

Em jeito de oração...

Um homem caído. Não, caído não... Um homem derrubado!... Sem dúvida. Porque mesmo neste caminho de buracos e pedras, uma simples queda não o teria deixado assim.

Se um homem caído costuma doer-me, num homem derrubado perturba-me a desumanidade!...

Há sinais de passos que atravessaram o caminho; sinais de afastamento ou de fuga.

Também me apetece passar adiante; mas se ninguém levantar os caídos, como teremos um Mundo em pé?!...

Tenho de parar e olhar para ele e por ele, como se estivesse a olhar por mim.

Sei o que é ser empurrado pelo ódio e o preconceito de alguém. Aliás, eu próprio tenho no coração as marcas de ser samaritano e, uma vez ou outra, também o desejo samaritano de vingança!...

Mas hoje não é o dia. Aliás, para mim, nunca mais será o dia!...

Não quero saber a raça ou a religião deste homem. Nem me importa saber quem lhe fez mal e porquê. Depois, se possível, falarei com ele; agora cuidarei dele!... Ficar muito tempo a matutar nas causas é, por vezes, uma demora eterna para as soluções...

Tenho medo do meu gesto. Claro que tenho medo... De facto, se quem o maltratou me encontra com ele pode decidir que não gosta de testemunhas... Mas precisamos de vencer o ciclo da violência!..

Como pesa este corpo morto, cujas dores pressinto ainda que não as oiça!...

Vai ser penosa a descida até Jericó. Pois que seja. Mas que são umas horas a mais na viagem, se puder dizer que uma vida me fez parar?...

Gostava de crer em Deus e acreditar que ele me questiona neste caminho e circunstância. Agora tenho um ferido a meu cuidado. Mas, cá dentro, penso que tenho Alguém a meu cuidado e a cuidar-me.

Talvez seja mesmo verdade que nos erguemos muito alto quando nos baixamos na berma dos caídos!...

Questões para reflexão pessoal e partilha em grupo

1. Com que sentimentos me situo e me apresento perante os outros?
2. Aceito facilmente que há muito bem para além das fronteiras em que me inscrevo?
3. Sou capaz de sair da minha zona de conforto para ajudar quem precisa?

Leitura do texto: Lc 17, 11-19

¹¹Quando caminhava para Jerusalém, Jesus passou através da Samaria e da Galileia. ¹²Ao entrar numa aldeia, dez homens leprosos vieram ao seu encontro; mantendo-se à distância, ¹³gritaram, dizendo: “Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós!” ¹⁴Ao vê-los, disse-lhes: “Ide e mostrai-vos aos sacerdotes.” Ora, enquanto iam a caminho, ficaram purificados. ¹⁵Um deles, vendo-se curado, voltou, glorificando a Deus em voz alta; ¹⁶caiu aos pés de Jesus com a face por terra e agradeceu-lhe. Era um samaritano.

¹⁷Tomando a palavra, Jesus disse: “Não foram dez os que ficaram purificados? Onde estão os outros nove?” ¹⁸Não houve quem voltasse para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?” ¹⁹E disse-lhe: “Levanta-te e vai. A tua fé te salvou”.

Pistas para reflexão

1. *De onde menos se espera...* Já sabemos o contexto em que Jesus conta a “parábola do bom samaritano” e, por isso, a nossa atenção

centra-se no protagonista: “um samaritano, que ia de viagem” (v. 33). Se o facto de ser samaritano poderia levar a desconfiar da sua seriedade e bondade, tendo em conta os rótulos a que os judeus tinham submetido os samaritanos, o facto de ir de viagem encarregava-se de esvaziar qualquer réstia de expectativa. Mas, ao arrepio da lógica humana, é de onde menos se espera que surge um comportamento modelar, no registo da misericórdia (misericórdia). Afinal, o mau não é o que se pensa e, talvez por isso, a tradição tenha resolvido chamar-lhe “bom samaritano”! Algo de semelhante acontece em Lc 17, 11-19, mas no registo da gratidão: num grupo de dez, o leproso (v. 18: “estrangeiro”; v. 16: “samaritano”) é o único que volta atrás para agradecer a cura. Por isso mesmo, é também o único que ouve de Jesus: “Levanta-te e vai. A tua fé te salvou” (v. 19).

2. ... *gestos concretos de aproximação e amor ao próximo*. Não é numa teoria, mais ou menos fundamentada, que a proposta de Jesus incide, mas antes em atitudes concretas, descritas minuciosamente e numa aceleração narrativa (oito ações em dois versículos) que envolve o leitor: “chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele” (vv. 33-34). Se todos os outros gestos falam por si e possuem um significado claro, mesmo se denso e profundo (tendo em conta a pergunta “e quem é o meu próximo?”, ganham força os verbos “chegar ao pé de” e “aproximar-se”), talvez seja necessário referir que o azeite era usado para aliviar a dor e o vinho fortemente alcoólico da Palestina era aconselhável para desinfetar. De acrescentar ainda que a compaixão é dita com o verbo da convulsão das entranhas e que o “cuidou dele” é a síntese das ações anteriores: curar, transportar e alojar.

3. *Próximo não é quem está ao meu lado, mas aquele de quem me aproximo com o intento de dele cuidar.* Se o próximo não é um objeto passivo, mas um sujeito ativo, não importa propriamente quem é o objeto do amor, mas sim quem é o seu sujeito. Por outras palavras, não importa quem é o meu próximo, mas como eu me torno próximo (o termo é essencialmente relacional). Jesus faz-se próximo do doutor da Lei e, ao mesmo tempo, diz-lhe qual é o caminho para “possuir a vida eterna”: fazer-se próximo de quem dele precisa, tal como o samaritano. Na ilustração parabólica, fica claro que é a misericórdia (v. 37) a responder à questão do v. 29: “quem é o meu próximo?”. Do texto, no seu todo, se torna evidente que só há um caminho operativo capaz de gerar vida e afirmar o seu valor: o amor para com o próximo, independentemente de quem ele é ou possa ser.

Tópicos para o compromisso

1. No âmbito social e eclesial, é donde menos se espera que surgem as maiores referências e os melhores modelos de comportamento. Para o perceber, é necessário converter o olhar, mudar esquemas e rever preconceitos e procedimentos.

2. Sem deixar de ser um credo (conteúdos), a fé materializa-se em gestos concretos de aproximação e de amor ao próximo. Para se ser cristão segundo o evangelho, não há outro caminho que não este.

3. Não posso ficar à espera que os carentes e necessitados se aproximem de mim, a pedir ajuda, como se fosse uma obrigação deles. Tenho que ser eu a aproximar-me para deles cuidar, pois a obrigação, decorrente da minha fé, é toda minha.

Sexto tema

Uma montada disponibilizada

Até os animais colaboram!

Por diversas vezes e de muitos modos se fala, na Sagrada Escritura, dos animais. O relevo maior vai para os animais domésticos, por fazerem parte da vida quotidiana e serem uma preciosa ajuda para o homem. Uma atenção particular é dada ao burro, em virtude da sua importância para o transporte de pessoas e mercadorias. Era em função do transporte de pessoas que se colocava no burro, uma montada (cavalgadura para montar).

Em jeito de oração...

Sei que é a minha missão: carregar. Carregar o meu amo ou quem ele mande; carregar pessoas e coisas. Carregar...

Ninguém me explica ou pede por favor. No máximo, recebo uma pancada no quadril, que tanto quer dizer «Vamos lá!», como «Aguenta aí!».

Hoje saí feliz de Jerusalém, pensando num passeio, com um dono sem pressa. Mas eis que, na berma da estrada, estava caído o homem que agora se atravessa em mim.

Está tão maltratado, que nem foi preciso travar-me o passo para eu pisar mais devagar este caminho incerto.

Sinto os solavancos inevitáveis nos gemidos que solta. Mas quase fico feliz por ouvi-los, pois queria chegar a Jericó com ele vivo e a tempo de ser tratado como convém...

Hoje fiquei a gostar mais do meu dono. Eu já sabia que ele tem bom coração – mas não pensava que nele coubessem desconhecidos sem eira nem beira; e que ele não tivesse medo de sangue alheio na albarda cara dos dias de viagem...

Ah, ainda não disse, mas o ferido dobrou o peso que me pesa – pois o meu amo vai também montado, para segurar aquele corpo a desconjuntar-se...

Não percebo como, com carga a dobrar, me sinto mais leve. Ou talvez seja isso de que já ouvi falar: que o amor puxa para cima...

Não vou dizer – que isso era mentira – que os meus pés mal tocam o chão. Mas o que garanto é que o bem é suave e nos sabe bem...

Acho que, por muito burro que me chamem, sou, hoje, capaz de perceber: quem ama não carrega; transporta!...

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Como olho para os animais? Como coisas de que disponho a meu bel prazer ou enquanto seres com uma dignidade própria?

2. Sem deixar de reclamar os seus serviços, cuido deles e trato-os com doçura e respeito?

3. Aprendo deles a humildade, a mansidão e a docilidade necessárias para o serviço aos outros?

Leitura do texto: Is 1, 2-9

²Ouvi, ó céus, e escutai, ó terra, porque é o Senhor quem te fala: "criei filhos e fi-los crescer, mas eles revoltaram-se contra mim. ³O boi conhece o seu dono, e o jumento, o estábulo do seu senhor, mas Israel, meu povo, nada entende." ⁴Ai de vós, nação pecadora, povo carregado de iniquidades, raça de malfeitores, filhos malvados! Abandonaram o Senhor, renegaram o Santo de Israel, voltaram-lhe as costas. ⁵Onde podereis ser castigados de novo, já que persistis na rebeldia? A vossa cabeça é uma chaga, o vosso coração está totalmente abatido. ⁶Desde a planta dos pés até ao alto da cabeça, não há nada de são em vós. Tudo são feridas, contusões, chagas vivas, que não foram curadas nem ligadas, nem suavizadas com azeite. ⁷A vossa terra está deserta, as vossas cidades incendiadas. Os estrangeiros devastam diante de vós os vossos campos. É a desolação e a destruição provocada pelos inimigos. ⁸Ficou apenas Sião, como cabana numa vinha, como choça num pepinal, como cidade sitiada. ⁹Se o Senhor do universo não nos tivesse conservado um pequeno resto, teríeis sido como Sodoma, seríamos agora como Gomorra.

Pistas para reflexão

1. *A montada é para quem dela precisa.* A montada era do samaritano e dele era também o animal que montava. Contudo, para quem está de viagem e vive de forma desprendida, o sentido de posse esvai-se ainda mais. A montada, uma das imagens de tudo o que possuímos e nos dá

alguma segurança e conforto, é para quem dela precisa, sem deixar de continuar a pertencer ao samaritano. Está estabelecida a diferença, tão ao gosto da Escritura, entre o possuir e o usar e salta à vista a dimensão social dos bens.

2. *Até os animais colaboram!* A referência à montada é fugaz (v. 34), mas falar dela é evocar necessariamente o animal em que se monta e, por extensão, tudo aquilo de que precisamos para levar por diante os nossos projetos e o socorro aos outros. O texto não especifica o animal, porque o que interessa mesmo é que, a mando do seu dono, ele colabora no cuidado dispensado ao outro. Subjaz a isto uma certa ironia: sem ter noção das coisas, o animal fez aquilo que, com noção delas, o sacerdote e o levita não fizeram. Trata-se de uma ideia j'evocada no lamento de Deus, em Is 1, 3: "o boi conhece o seu dono, e o jumento, o estábulo do seu senhor; mas Israel, meu povo, nada entende". Sem disso terem consciência, os animais colaboram na prática do bem, desde que para tal sejam usados. Fazem-no de forma anónima, humilde e fiel, mas não deixa de ser um trabalho efetivo de aproximação e serviço.

3. *Cuidar de quem, sem saber que o faz, também cuida.* O conceito de próximo (aquele de quem me aproximo) não pode, hoje, no âmbito de uma ecologia integral, deixar de fora os animais. Respeitá-los e cuidar bem deles (o descanso sabático a quem o burro tem direito, em Ex 23, 12, é disso um sinal) é o primeiro passo para um cuidado sério que somos convidados a dispensar aos humanos. Para quem não é "humano" no cuidado dos animais, é fácil tornar-se "animalesco" na relação com os humanos. Como diz o Papa Francisco, "o coração é um só, e a própria miséria que leva a maltratar um animal não tarda a manifestar-se na relação com as outras

peças" (*Laudato si'*, n.º 92). Se há personagens que saem desfavorecidos dos textos de Is 1, 2-9 e de Lc 10, 29-37, está visto que não são os animais!

Tópicos para o compromisso

1. Urge mudar a relação com os bens: não de posse, mas de uso desprendido. Por isso, o que temos não é nosso... está ao nosso serviço e ao serviço dos outros.

2. Os animais não são meros instrumentos de carga, mas atores humildes e discretos na relação com Deus e a prática do bem. É como tal que devem ser olhados e requisitados.

3. Terá talvez que mudar o modo como lido com os animais. Quem sabe se, no trato com eles, me tornarei mais humano para lidar melhor com os humanos?

Sétimo Tema
A arte de acolher e cuidar
Um estalajadeiro exemplar

A hospitalidade é uma coordenada transversal a toda a humanidade e, por força maior, a toda a Escritura. Os motivos para tal são diversos e os modos da hospitalidade vão conhecendo algumas variantes, mas todos eles insistem na sacralidade do hóspede, a quem se dispensa escuta, alojamento e alimento. Se a hospitalidade tem, por regra, a marca da gratuidade, também se fala de um acolhimento pago, nas estalagens. Não é por isso que o acolhimento deixa de ser exemplar.

Em jeito de oração...

Não fui capaz de recusar um quarto na estalagem para o ferido trazido pelo velho cliente da Samaria.

Ainda pensei desculpar-me com o estado sujo e frágil daquele homem, a sensibilidade dos outros hóspedes ou o receio de poder estar aqui alojado quem o assaltou...

Calaram-me, porém, o pagamento adiantado e a promessa de receber, depois, tudo o que gastar a mais.

O Samaritano pagará. A experiência diz-me que devo confiar em quem tem sido, até agora, um fiel e generoso cliente...

Agora que toda a hospedaria dorme, tenho na insónia o ligeiro remorso de haver posto um preço à minha bondade!... É mesmo raro ser bom de graça, mas dever ser doce... Talvez lá chegue, se não desistir.

Há muito sei não ser fácil fazer aos outros o que quero que me façam. Tenho procurado, por isso, engenhosas desculpas. E aí como os que nos consideramos bons somos bons a inventar desculpas!...

«Está tudo cheio... Não tem reserva, pois não?... E é só por uma noite?...»

O nosso tempo e o estado do tempo; e a falta de jeito que tanto jeito nos dá!...

Foi por interesse, mas acho que fiz bem. Acho.

Ou então preciso de assim pensar para poder dizer que tenho a consciência em paz!...

Questões para reflexão pessoal e partilha

1. Dado que sou pago por isso, esforço-me por cumprir bem os meus deveres profissionais?

2. Encaro a profissão como uma missão e um serviço ou apenas como forma de ganhar dinheiro?

3. Procuo fazer mais e melhor do que aquilo que me é exigido ou pauto-me por exigências mínimas e reivindicações máximas?

Leitura do texto: Jz 19, 15-21

¹⁵Afastaram-se dali a fim de passarem a noite em Guibeá. O levita entrou e sentou-se na praça da cidade; ninguém os acolheu em sua casa para passarem a noite. ¹⁶Eis que, ao anoitecer, um velho veio do seu trabalho no campo. O homem era da montanha de Efraim, era viajante em Guibeá; os habitantes de Israel eram filhos de Benjamim. ¹⁷Erguendo os olhos,

viu aquele forasteiro sentado na praça da cidade e disse o velho: "Para onde vais de onde vens?" ¹⁸Ele respondeu-lhe: "Partindo de Belém de Judá, viajamos em direção ao extremo da montanha de Efraim. Eu sou de lá. Fui a Belém de Judá e agora volta para a casa do Senhor; não há ninguém que me acolha em sua casa. ¹⁹Há palha e há feno para os nossos jumentos e há pão e vinho para mim, para a tua serva e para o jovem que acompanha o teu servo; não estamos a precisar de nada!" ²⁰O velho respondeu: "A paz esteja contigo; tudo o que precisares é comigo! Não passes a noite na praça!" ²¹Fê-lo entrar em sua casa e deu forragem aos jumentos, lavaram os pés, comeram e beberam.

Pistas para reflexão

1. *O acolhimento é um imperativo.* O texto agora lido fala de um acolhimento gratuito, ao passo que, na parábola do bom samaritano, acontece por razões profissionais (seria esse o ganha pão do estalajadeiro). Mesmo assim, não deixou de ser efetivo e exemplar. E tanto assim é que talvez houvesse razões sérias para não aceitar este tipo de hóspede: os cuidados acrescidos que exige alguém naquela situação, a imagem da casa, a pureza do lugar e até alguma incerteza quanto ao cumprimento da promessa de ser recompensado. Seria mesmo de confiar na palavra do samaritano?

2. *Um acolhimento exemplar...* O texto não o afirma de modo explícito, mas refere claramente a ordem do samaritano: "Trata bem dele" (v. 35). E não apenas uma noite, mas alguns dias! Não será difícil concluir que assim aconteceu, por motivos profissionais e por o cuidado do outro, sobretudo quando fragilizado, fazer parte dos cânones civilizacionais de todos os

povos, e particularmente do povo de Israel. Se as estalagens da época apenas dispensavam alojamento, vai muito além disso a dispensa de cuidados que o samaritano ordenou ao estalajadeiro, o que nos permite adjetivá-lo assim: exemplar.

3. ... *sem preconceitos nem condições*. Um acolhimento sério e exemplar aos mais necessitados (doentes, estrangeiros, pobres, excluídos, etc.) despe-se dos preconceitos que deles nos afastam (a cor, a cultura, a fragilidade, os defeitos, as suspeitas...) e não coloca condições para deles nos aproximarmos (o meu próximo é aquele de quem eu me aproximo). Só assim cada um, em particular, se tornará samaritano do irmão e a Igreja, em geral, assumirá o rosto do samaritano, saindo para as periferias.

Tópicos para o compromisso

1. De forma gratuita ou mediante pagamento, acolher bem e tratar dos que precisam é um imperativo para os crentes e para a Igreja.

2. Porque é imperativo humano e cristão, o acolhimento só poderá ser exemplar, contemplando todas as dimensões: curar, escutar, alojar, alimentar...

3. Com preconceitos e condições, aumenta a distância e cresce a indiferença, hipoteca-se o presente e o futuro de uma humanidade que começa a deixar de o ser.

Conclusão

Após todo este percurso, parece-nos ser útil uma breve alusão ao uso do texto na literatura, na pintura e na música. Tal como muitos outros textos bíblicos, também este deixou aí - e continua a deixar - muitas marcas. Sem a possibilidade de alusões demoradas, faremos breves acenos a algumas dessas obras, no sentido de ajudar o leitor a continuar a trabalhar o texto de Lc 10, 29-37 e os outros aqui propostos, com a ajuda de outras expressões e interpretações. Torna-se indispensável, para o efeito, uma pesquisa na *web*, dado não caber nos limites deste documento a inclusão de mais materiais auxiliares. De facto, cabe ao leitor o trabalho de fazer a pesquisa e servir-se das nossas indicações para aprofundar o tema, em chave cultural e ao serviço do aprofundamento do sentido do texto, em ordem a um compromisso mais efetivo.

São diversos os autores que fazem alusões esporádicas a este texto: Chateaubriand, em *A essência do cristianismo*; Vitor Hugo, em *Notre-Dame de Paris*; e Pierre Loti, em *A estalagem do "bom samaritano"*. Contudo, mais relevantes são os escritores que nela se inspiram para refletir, de forma mais demorada e detalhada, sobre o assunto ou mesmo reformular a parábola: George Bernanos, em *Diário de um pároco da aldeia*; e Paul Claudel, num poema publicado em 1929, em *Oeuvres complètes*, XXIX.

Na pintura, destacam-se três representações desta parábola:

- Jacopo Bassano, *Il buon samaritano*, entre 1550-1570, Galeria Nacional (National Gallery), em Londres
- Adam Elsheimer, *Il buon samaritano*, cerca de 1605, Musée du Louvre, Paris.

- Rembrandt van Rijn, *The Good Samaritan*, 1630, Wallace Collection.

No cinema, o tema é frequente. Uma pesquisa em www.youtube.com coloca-nos perante diversos títulos: *O bom samaritano*; *Jesus, o bom samaritano*; *Um bom samaritano*.

Na música, vale a pena escutar a *Cantata misericordium*, do compositor contemporâneo Benjamin Britten (1913-1976). Trata-se de uma cantata composta para a cerimónia solene do centenário da Cruz Vermelha, na Suíça, a 1 de setembro de 1963, que foi executada também no quinquagésimo aniversário do seu compositor, em Londres.

No dizer de Yves Saoût, "esta cantata não é infiel ao texto da parábola como está no evangelho, pelo contrário desenvolve-a com profundidade. Mas fá-la passar para um outro género literário, próximo do teatro. A história é como que representada diante do ouvinte, a música guia as suas emoções. Isto é uma vantagem, mas também um inconveniente, porque deste modo a imaginação fixa-se sobre uma única possibilidade, enquanto que a parábola contada deixa cada um livre de imaginar as diversas cenas de acordo com a própria vida, a própria cultura, a própria personalidade" (*Il buon Samaritano*, ed. Queriniana, Brescia 2008, p. 104). *Mutatis mutandis*, algo de semelhante poderá dizer-se do tratamento da parábola em todas as outras representações artísticas.

Texto de abertura: D. Jorge Ortiga, AP

Redação dos temas: Pe. João Alberto Correia (coordenador),

Pe. Hermenegildo Faria e Pe. João Aguiar

Participaram na elaboração deste caderno: Pe. Sérgio Torres e D. Nuno Almeida

